

**Resoluções políticas do X Congresso da  
Organização pela construção do Partido  
Operário Marxista como seção do  
Partido mundial da Revolução  
Proletária (POM).**

16 e 17 de fevereiro de 2008.

# Resoluções políticas do X Congresso da Organização pela construção do POM

## A crise estrutural do Sistema capitalista

A agonia do capitalismo, como regime, em seus ciclos de relativo equilíbrio precário e momentos de desequilíbrio quase que total, vai forçando a burguesia mundial a ir se reciclando e moldando a exploração do trabalho à imagem e semelhança na medida em que a crise estrutural do capitalismo vai se aguçando.

A par desta adequação e sobrevivência capitalista e em razão desta, está contida a crise de direção revolucionária do proletariado mundial.

Os dois aspectos acima constituem o desdobramento da análise – ambos de profundidade e inter-relacionados – que acabam por compreender todos os aspectos relacionados com o surgimento da própria humanidade e o seu desenvolvimento, a luta de classes e as teorias do conhecimento. O desenrolar do materialismo histórico e dialético, na perspectiva de harmonizar os meios de produção e relações de produção, condição sine-qua-non para a seqüência do próprio continuar do desenvolvimento e da própria existência da humanidade.

A evolução da espécie humana pelo trabalho foi se distinguindo dos outros animais, atingindo um nível extraordinário, ao ponto de desnudar-se em transformação a própria natureza. O surgimento da exploração do homem pelo homem e a luta de classes condicionou o próprio desenvolvimento em contraposição à existência humana.

Marx e Engels, pela teorização prática como método de análise e aquisições do

conhecimento, contribuíram de forma extraordinária no desvendar deste próprio desenvolvimento e assentaram as bases fundamentais de análise da sociedade capitalista: **propriedade privada dos meios de produção; apropriação individual da produção coletiva (acumulação de capital nas mãos de uma minoria dominante); exploração da força de trabalho (mais-valia)**. Bem como constituíram os fundamentos teóricos da classe social nascida do próprio regime criado pela burguesia, como coveiro deste.

No Manifesto Comunista de 1848, analisa-se a situação política e econômica do capitalismo como sendo “*a revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesia e seu domínio. Basta mencionar as crises comerciais que, repetindo-se periodicamente, ameaçam cada vez mais a existência da sociedade burguesa. Cada crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos já fabricados, mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já desenvolvidas. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desaba sobre a sociedade - a epidemia da superprodução*”.

De 1848 para cá, esta situação de epidemia de superprodução tem se agravado. A fusão do capital industrial com o capital bancário deu origem ao capital financeiro, que propiciou o agravamento da economia e uma maior centralização e domínio do capital. Esta epidemia de crise de superprodução tem culminado nas grandes

guerras imperialistas. Foi assim na I Grande Guerra (1914-1918) e na II Grande Guerra Mundial (1939-1945).

A luta de classes tem comparecido como motor entre proletário e burgueses. No decorrer da 1ª Grande Guerra a vanguarda do proletariado mundial, representada pelo partido bolchevique Russo, cunhou fundo a resposta proletária para a crise capitalista: Revolução Russa.

Com a vitória do proletariado Russo, aguçou-se o proletariado mundial em seu conjunto. A luta de classe assume um profundo acirramento, do lado do proletariado se desfecha toda uma energia na construção da III Internacional Comunista, na defesa da Revolução de Outubro e na ofensiva em todos os rincões do planeta na luta por melhores condições de trabalho, de vida e para destronar a burguesia do poder.

Com a Revolução Russa de 1917, o proletariado se levanta, dando início ao suplantamento da burguesia, ou seja, têm-se início a negação do capitalismo. Mas a burguesia mundial não dá tréguas (luta de classes) e, além disso, com o advento do Stalinismo (teoria do “Socialismo em um só país”), após a morte de Lenin em 1924, tivemos a negação da negação: a reconstituição capitalista na URSS - contribuição do stalinismo. Este acirramento da luta de classes e o levantar do proletariado mundial fizeram com que a burguesia mundial declarasse guerra total e se unificasse, criando assim a Liga das Nações que esta mesma luta classe a converteu na ONU.

Contou a burguesia mundial com os lacaios da II Internacional e o bloco centrista, que hora se alinhava diretamente com a grande burguesia e hora centriava em favor da luta proletária. A Social Democracia se constituiu como verdadeiro apêndice da burguesia e da contra-revolução.

Neste período de ascenso revolucionário internacional, em 15 de janeiro de 1919, foi aplicado um grande

golpe aos iniciadores da III Internacional. Na Alemanha a Social Democracia, em atitude fascista, prende e assassina dois esteios do proletariado Alemão e da Revolução Internacionalista: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.

A partir de 1921, a situação política mundial já assume uma tendência de total ofensiva da burguesia, obrigando a Internacional Comunista a impulsionar políticas táticas de Frente Única e de Frente revolucionária. Com a perda, em 1924, de um dos principais dirigentes (Lenin) se ascende no poder Soviético Russo o que iria se constituir na história como o fenômeno do Stalinismo. Diante do isolamento da revolução, da ofensiva da burguesia, do cansaço do proletariado e da própria juventude dos quadros internacionalistas no seu conjunto, esta corrente política acaba por desfechar uma completa traição aos princípios Marxistas e, faticamente, em nome deste. Persegue, processa e assassina os melhores quadros e dirigentes bolcheviques; o Estado Soviético assume uma total burocratização degenerando-se completamente, ou seja, o retorno completo do ex-Estado Soviético ao Estado capitalista clássico.

O Internacionalismo proletário foi totalmente estrangulado, assumindo seu lugar a teorização Stalinista do “Socialismo em um só País”, que adotou a partir do 7º e último Congresso da I.C. (em 1935), como tática as políticas das Frentes Populares em vários países (Espanha e China, por exemplo), preconizando alianças com a burguesia progressiva para sufocar/trair o ascenso da classe operária.

Como se não bastasse a traição se manifestar em nome do marxismo, criando toda uma situação política mundial desfavorável à uma contraposição a este fenômeno burguês no seio do movimento operário internacional, em 21 de agosto de 1940, é brutalmente assassinado (por um agente de Josef Stalin) o fundador da IV Internacional Comunista: Leon Trotsky.

Com todo este delinear da luta de classes, os ciclos de “desenvolvimento”

capitalista seguem o curso histórico, culminando em 1939–1945 com a Segunda Grande Guerra como forma de **repartilha** do globo e de equilibrar os meios de produção em relação às crises cíclicas que se avolumaram devido à superprodução capitalista, advinda da propriedade privada dos meios de produção.

Com a nova conformação econômica do domínio imperialista do planeta comparece, por um vasto período, o que oficialmente se chamou de Guerra Fria. Período de acordos e intrigas secretas entre duas grandes potências. A política da Guerra Fria fez com que o Leste europeu se tornasse palco de contenção de forças entre o capitalismo e o “comunista” (Estados Operários Degenerados), bem como parte do Oriente Médio. De um lado - o imperialismo americano que se despontou da segunda guerra como império majoritário do ponto de vista econômico, militar e político. De outro lado o Estado operário degenerado com sua polícia anti-operária, de conciliação e colaboração com a grande burguesia mundial.

A formalização da restauração capitalista nos Ex- Estados Operários do Leste Europeu, ocorridas na década de 80, acabou por selar um período de aprofundamento da confusão e do total domínio ideológico da burguesia, mesmo no seio das principais organizações reivindicantes do marxismo.

Com este fenômeno a grande burguesia imperialista, que já contava com a Social Democracia e com a colaboração stalinista, passa abertamente a contar com estas duas correntes políticas e com vastos setores dos próprios reivindicantes do trotskismo. O Movimento operário do ponto de vista de sua independência se aniquila quase que totalmente.

Com a queda do muro de Berlim, acontece a contra-ofensiva do imperialismo, advindo daí toda a espécie de revisionismo do marxismo. Muitos teóricos revisionistas proclamaram o fim do marxismo e a vitória

do capitalismo, colocando a globalização como a salvação da humanidade. Daí, a Social Democracia engendra uma “nova ordem” semeando a confusão no seio da luta de classes e desviando assim o proletariado de seus objetivos históricos – a derrubada do capitalismo –, em prol das frentes populares de conciliação de classes.

No Brasil, sob a liderança de intelectuais reformistas de São Paulo, como forma de realçar o período posterior da queda do muro de Berlim, se constituiu os princípios do que viria a ser o FSM, que é nada mais nada menos que uma diretriz da vanguarda da burguesia mundial, preconizando, sobretudo, a humanização do capitalismo e, nas entrelinhas, a domesticação completa das lutas via as organizações de classe. Este organismo bem demonstra a política que predominou no período pós queda dos ex-Estados operários degenerados.

Dois são as vertentes da necessidade desta acentuação da conciliação de classe como forma de organização, envolvendo “oprimidos”, organizações sociais, “governantes progressistas”, estudantes, igreja e intelectuais que se dizem “Marxistas modernos”. Uma é da própria conciliação de classes necessária ao reformismo. Outra é a necessidade da burguesia mundial de educar e dotar o movimento operário, estudantil e popular da docilidade e conciliação de classes no sentido de se resguardar para os aguçamentos das crises cíclicas do capitalismo, que em várias ocasiões comparece como situação revolucionária (porém, sem partidos revolucionários). Necessita nestes momentos, a burguesia, das organizações adocicadas para o socorro diante dos levantes espontâneos das massas (como ocorrido na Argentina em 2002 e na Bolívia, com Evo Morales).

Neste sentido, com a assimilação da política de frentes populares pelo imperialismo, deu-se um salto de qualidade. O aprofundamento da crise estrutural do capitalismo acabou por necessitar desta ferramenta não mais como último recurso em

oposição ao levante independente do proletariado, mas sim, para que se torne possível e viável a implantação das reformas imperialistas que um governo burguês clássico não conseguia fazer em toda sua potencialidade.

Nesta empreitada ideológica e organizativa de conciliação de classes em benefício do capitalismo decadente, com sua crise estrutural de superprodução culminando nas suas crises cíclicas, comparecem hoje a Social Democracia clássica, o Stalinismo nas suas variadas correntes e grande parte das tendências e correntes, inclusive, do trotskismo.

Como não poderia deixar de ser, com a ausência de independência de classe do movimento operário, representada pela ausência de uma genuína organização marxista com a mínima influência de massa em escala internacional (a ausência do partido mundial da revolução proletária, mesmo como tendência), as organizações estudantis e populares assumem quase que na totalidade a burocratização e a estatização dos Sindicatos, anulando qualquer perspectiva de resistência dos oprimidos às reformas e aos ataques imperialistas de que necessita a grande burguesia e seu regime decadente.

Com a total ausência de uma direção revolucionária e da independência de classe no seio do movimento operário internacional, fica a burguesia mundial totalmente livre para aplicar reformas, declarar guerras, saquear, impor medidas (inclusive de cunho fascista), acabar com os direitos sociais, com as conquistas históricas do proletariado mundial e, principalmente, livre e com instrumental político e organizativo no campo do proletariado para enfrentar as crises cíclicas da administração do grande capital. Como a que se desenvolve no momento, desfechada pela crise do mercado imobiliário americano, que nada mais é do que a manifestação da formalidade do conjunto da economia capitalista mundial, representada pelas transações econômicas e

financeiras sem valor real e correspondência com a produção de mercadoria, com sua venda ou consumo.

A ausência do movimento operário independente, por causa disto, tem se distorcido, semeando confusões e mesmo negando os princípios marxistas, inclusive os contidos no manifesto comunista das crises cíclicas e as epidemias de superprodução.

O método do materialismo histórico e dialético tem sido substituído em nome da atualização do marxismo, pelo idealismo descarado da **causa/efeito**. Em nome dos pressupostos contidos na obra de “O Capital” de Marx, em que se vislumbra a tendência de queda da taxa de lucro em virtude da modernização das forças produtivas, ou seja: o conseqüente aumento do capital constante em relação ao capital variável; se tem profetizado e levado à análise das crises cíclicas do capitalismo para a esfera do lucro e não mais para as crises de superprodução, advindas da propriedade privada dos meios de produção e a conseqüente apropriação privada do trabalho coletivo. Com este desvio abre-se as portas para as novas teorias da atualização do marxismo pela sua revisão e volta-se ao idealismo combatido na “Ideologia Alemã”, no prefácio de Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel e na “Dialética da Natureza” de Engels e etc.

A realidade e o agravamento da crise estrutural do sistema capitalista é analisada de forma frAGMENTADA. Assim, a crise das bolsas da atualidade torna-se resultado da crise econômica americana (do mercado imobiliário americano) e não como um reflexo da crise estrutural do sistema dominado pela formalidade econômica, pelas altas transações financeiras fora do processo produtivo e também, principalmente, pela estreiteza dos mercados – para desovar as potencialidades produtivas do alto grau de desenvolvimento das forças produtivas no que tange o maquinário e a contradição da estagnação destas mesmas forças produtivas no seu conjunto devido à propriedade privada

dos meios de produção e a intrínseca apropriação privada do trabalho coletivo.

Negando o princípio das crises, negam assim o apontamento indispensável da necessidade intransponível da socialização dos meios de produção com a consequente expropriação da burguesia. O apontamento da necessidade de por fim ao processo de barbarização da sociedade advinda do aprofundamento da crise estrutural do sistema e a consequente necessidade de harmonizar o alto grau de desenvolvimento das forças produtivas alcançado no capitalismo, com uma relação de produção que possa dar continuidade ao desenvolvimento da humanidade, com o devido reparte igualitário da produção realizada coletivamente.

Dizendo não a esta intransponível necessidade da socialização dos meios de produção, a luta se encarna em torno das várias outras necessidades, não da humanidade (da consequente coletivização dos meios de produção e o consequente controle e repartição de todo o trabalho produzido pelos próprios produtores) e sim das necessidades do capital e das várias facções da burguesia em disputa deste.

Dentro deste contexto comparece os governos de frente popular e de tendência ou aparência nacionalista que, principalmente na América, se tornaram realidade.

#### **Alguns tópicos para melhor realçar a análise:**

- O mundo capitalista está totalmente conformado e dominado pelo capital financeiro, que é a fusão da grande Indústria com o Sistema Bancário, com a hegemonia deste último;
- Esta conformação e domínio impõem o **desenvolvimento desigual e combinado**.

Sem nos atermos a estes dois fenômenos do desenvolvimento capitalista, certamente a análise ficará truncada.

Os impérios capitalistas, na busca pelo domínio do planeta, de nações e regiões estratégicas, de matéria prima, mão de obra barata, de mercados novos e ampliação dos existentes, acabam por realizar uma espécie de metamorfose entre nação oprimida e opressora, atraso e desenvolvimento.

Por outro lado, os países oprimidos coloniais ou semi-coloniais de desenvolvimento tardio acabam, pelo caráter débil das burguesias nativas, se consorciando e associando a estes impérios. Nos blocos econômicos, como o do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA). Entre Canadá, México e Estados Unidos da América se constituiu em 1994, com a falácia do livre comércio, uma extensão do quintal americano às custas das riquezas minerais, da ampliação do mercado e de mão de obra barata para as multinacionais automobilísticas. No caso particular do México, o país viu adentrar a alta tecnologia com as automobilísticas por um lado e aumentar a miséria com o domínio no campo pelas multinacionais, prejudicando ainda mais a produção de alimentos das massas oprimidas.

No Brasil nas décadas de 50 e 60, se instalam as multinacionais com vistas à exploração da mão de obra barata e aos incentivos governamentais. Os governantes locais se vangloriavam-se da chegada do desenvolvimento. Depois de 50 anos de exploração o Governo brasileiro lança-se a presentear estas multinacionais com nada menos que as restigas e a vegetação protegida de Peruíbe, tudo para facilitação do escoamento da produção multinacional. Um mega-Porto (*Porto Brasil*) para as multinacionais, tanto as automobilísticas, as corporações do aço e de outros minerais, quanto às corporações da agro-indústria que se apossam cada vez mais das terras agricultáveis brasileiras, desmatando inclusive a floresta amazônica.

“Nossa Petrobrás” até produz algumas análises engraçadas. O Brasil, de país oprimido, derrepente, passa para

opressor; com a Petrobrás cumprindo um papel imperialista. Uma empresa estatal brasileira, que possui mais de 50% de capital imperialista, é apresentada a nação e ao mundo como empresa estatal brasileira.

### **Venezuela**

Já a PDVSA “Venezuelana” que era administrada em convênio com as empresas imperialistas, com a Revolução Bolivariana, foram estes convênios transformados em empresas mistas, com controle acionário em que o Estado inicialmente teria hegemonia. De conveniados para donos e acionistas das empresas mais lucrativas da Venezuela, como a companhia de eletricidade e telefonia Cantv (telefonia) e Electricidad de Caracas. Para a PDVSA, inicialmente, a proposta era de transformar os convênios com as multinacionais em empresa mista com controle acionário do governo Venezuelano de 51% contra os 49% das multinacionais que, de conveniadas, passariam a donas. Ocorreu a recusa da Exxon Móbil e Conoco Philips em acordar a passagem de convênio às ações, gerando demanda judicial e acirrando aparentemente o conflito entre EUA e Venezuela (em busca de acordo vantajoso). Com a negativa destas multinacionais americanas o governo venezuelano rompe os contratos com estas duas multinacionais, ficando a nova composição acionária da PDVSA entre as multinacionais Total (Francesa) e Statoil (Noruega), passando o controle acionário a ser: 60% para o Governo Venezuelano e 40% para as multinacionais, prosseguindo sem desenlace a guerra do império americano das corporações do petróleo.

Vale ressaltar que a Associação entre os interesses do País oprimido (Venezuela) e País opressor (EUA), no caso do Petróleo, se deu na contrapartida do refino (tecnologia e seu controle) por parte da Multinacional Americana, que concedeu a distribuição aos Venezuelanos em troca de subsídio da venda do combustível refinado a preço bem mais baixo aos americanos. Esta associação explica porque a PDVSA é a maior empresa

estrangeira na distribuição de combustível nos EUA, com 13.682 postos. Uma associação combinada entre o grande capital com o domínio de tecnologia e o país oprimido, com grande reserva de matéria prima.

O caráter tardio do desenvolvimento desigual e combinado na Venezuela tem como referência o “14 de dezembro de 1922”, quando a já multinacional Shell perfurou o poço Los Barrosos nº 2, abaixo da bacia do Lago Maracaibo e o petróleo jorrou como água.

### **Bolívia**

Na Bolívia, como país integrante de nossa América desde o século XV, o império espanhol já travou mortíferas batalhas, dizimando os Incas para se apossar das minas de prata. O saque dos minérios bolivianos é parte constitutiva da história deste altiplano. A exploração capitalista foi totalmente extrativista também na produção da borracha, que culminou com o tratado de Petrópolis, assinado em 17 de novembro de 1903. Em que a Bolívia abre mão do território de Aquiri, atual território do Acre brasileiro, em troca da autorização e construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (ligando Bolívia até o leito navegável do Rio Madeira, atingindo o rio Amazonas e o Oceano Atlântico) por uma multinacional americana que dizimou milhares de nativos e assalariados com trabalho escravo utilizado na construção da ferrovia. O acordo de Petrópolis constituiu também de indenização de 2 milhões de libras e de parte do Pantanal Mato-Grossense em troca do território de Aquiri. Já nesta ocasião teve papel decisivo o Bolivian Syndicate (Consórcio formado com capitais alemães, britânicos e com maioria Americana).

Hoje, temos na Bolívia as corporações do petróleo, mineração e os latifundiários consorciados com estes (burguesia e Santa Cruz) que juntamente com as corporações petrolíferas americanas

acirram a luta de classes na Bolívia, inclusive se utilizando do fascismo.

A conformação do domínio imperialista na Bolívia se assemelha a conformação do desenvolvimento brasileiro em que a grande Indústria Paulista (totalmente entrelaçada com o imperialismo) se conforma de mãos atadas com as oligarquias do nordeste; também carne e osso com os imperialistas, caindo por terra as pretensões pacifistas de reforma agrária da Igreja, MST e toda gama de reformismo.

Esta conformação do Continente Americano de total dependência e de desenvolvimento desigual e combinado, em que o capital imperialista domina totalmente as economias nacionais, só pode gerar (no campo burguês reformista e nacionalista) os fenômenos que temos hoje com Hugo Chaves e Evo Morales. Pseudo-nacionalismo populista impotente acabando por se consorciar com as transnacionais imperialistas, servindo de contraponto às disputas imperialistas dando nova formação de associação e se constituindo também em uma nova burguesia nacional, com capital financeiro, não descartando um banho de sangue das massas e da instalação do fascismo ou a volta dos militares.

Este fenômeno reformista e de pseudo-nacionalismo é abarcado pelo castrismo, acabando por servir a dois grandes objetivos imperialistas: o principal se constitui no bloquear do processo de levante das massas, como acontecido na Bolívia em que as massas acabaram por derrubar quatro presidentes e, no entanto, concluíram com a alternativa bolivariana. Um segundo aspecto, é a nova conformação das associações de capital entre as grandes corporações e as

nações subjugadas. Podemos dizer que este fenômeno é totalmente parecido com as restaurações capitalistas dos outrora Estados operários degenerados e é o que acontece também em Cuba.

Assim, a grande burguesia mundial trata de cimentar o reformismo esquerdista com as organizações tipo Fórum Social Mundial, em que se serviram e se servem dos mesmos intelectuais de “esquerda e até mesmos marxistas” com, inclusive, a conformação de governos de frente populares no sentido da garantia dos objetivos e necessidades do grande capital e da crise estrutural do sistema capitalista.

**É tarefa da vanguarda do proletariado mundial dar resolução para esta problemática e a construção de um genuíno Partido Mundial Marxista de quadros, formado no calor da luta de classes e na experiência histórica; que se torne ferramenta insubstituível para a resolução da crise de direção do proletariado mundial, da contenção da barbárie, da harmonização entre meios de produção e relações de produção; bem como, dar continuidade ao desenvolvimento da humanidade.**

Esta construção Marxista do Partido Mundial da Revolução Socialista não se tornará possível sem a construção de quadros internacionalistas e sem limpar os desvios teóricos presentes na atualidade entre os que se reivindicam inclusive, desta ferramenta. Sem a construção programática entrelaçando a experiência histórica e a formulação do arcabouço teórico e prático para o enfrentamento e inserção na luta de classe ao nível mundial.



## Petras versus Petras

Desde o referendo constitucional na Venezuela, mais precisamente com a declaração de James Petras à Rádio Centenário CX36 do Uruguai (reproduzidas por meios de comunicações desse país em 4 de dezembro de 2007), afirmando que o PSTU do Brasil atuou na Venezuela junto com os estudantes financiados pelo imperialismo, se instalou uma grandiosa polêmica entre a Direção do PSTU e Petras. Culminou também esta polêmica com a demissão por perseguição política do dirigente Sindical Boliviano Orlando Chirino da PDVSA pelo Governo Chaves.

O Proletário fará um breve comentário sobre tal polemica no sentido de desmascarar o oportunismo do PSTU e seu reformismo revestido de trotskismo.

O título deste artigo visa demonstrar que não se trata de uma luta política entre Trotskistas e Stalinistas como quer a direção do PSTU e sim de dois campos da mesma matriz, vejamos:

Toda política do PSTU nos últimos anos tem aprofundado a política (programa) que a história da luta de classe denominou chama-la de Stalinismo. A própria militância interna ao PT e a defesa do governo dos Trabalhadores instrumentalizado pelo Partido dos Trabalhadores já bem indicava o elemento policlassista de tal agremiação.

Sem adentrar na polemica de Petras sobre o apoio ao candidato a presidente da República no segundo turno das eleições de 2002 e sem se ater na análise da LIT e, por conseguinte, do PSTU da queda do muro de Berlim e a queda das burocracias dos Estados do Leste como sendo um verdadeiro progresso da humanidade e da luta dos trabalhadores.

Iremos nos ater na conformação da CONLUTAS e em seu 1º CONAT (Congresso Nacional dos Trabalhadores) realizado nos dias 5, 6 e 7 de maio DE 2006, em Sumaré (SP).

Apesar da montagem de um circo representativo, as deliberações de tal encontro foram a síntese dos acordos políticos celebrados nos gabinetes da representação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, da Pastoral Operaria e intelectuais Stalinistas como Célia Hart e o próprio James Petras entre outros reformistas presentes inclusive, proferindo palestra para animar os “debates havidos” no 1º CONAT.

Coube a este 1º CONAT a aprovação estratégica da Auditoria Cidadão da Dívida Externa e de uma estrutura organizativa da Conlutas a imagem e semelhança desta estratégia, ou seja: uma confederação burocrática de representação das entidades. Assim nada longe do 7º e último Congresso da III Internacional “Comunista” em que adotou como política permanente para as seções de uma destituída III Internacional a política das frentes populares.

Para o oportunismo do PSTU de fato não tem problema político nenhum a defesa do não juntamente com as forças do imperialismo americano contrapondo as forças do imperialismo Francês e da Social Democracia e reformismo/caricatura de nacionalismo representado pelo Chavismo.

Assim como a LIT e o PSTU alinhou ao imperialismo contra os burocratas stalinistas nos Ex Estado burocratizados do Leste se apoiando nos levantes das massas como sendo um processo da revolução política defendida por Trotski. Na Venezuela com o Referendo uma campanha independente com a defesa do voto nulo era obra dos doutrinários e da ultra-esquerda como costumam rotular para a manutenção das bases partidárias que se reúnem periodicamente como clube de simpatizante e que pelo centralismo “democrático” tem que seguir as direções.

De fato concreto nesta briga de Petras contra Petras sobrou para mais uma vez o demagogo e capitalista Chaves usar da perseguição política para resolver um problema político entre tendências próximas politicamente.

Falam ainda estes Senhores do PSTU de independência de classe, na verdade é como Chaves e Petras falando de Socialismo.

Como pode haver independência de classe com uma organização como na CONLUTAS de federação burocrática de representação de entidades, quando as decisões são tomadas nos gabinetes e nas sacristias?

Como pode haver independência de classe se não há o exercício da democracia operária, com a tomada das decisões nas Assembléias de Base sem corporativismo próprio da burocracia?

Como pode haver independência de classe com o bloquear da luta direta das massas em detrimento da pressão parlamentar?

Como combater o Stalinismo adotando a política deste como estratégia?

Não Eduardo e Valério, não precisam se preocupar, afinal somos um simples componente da ultra-esquerda.

## Encontro Latino-Americano e Caribenho dos Trabalhadores

COB (Central Operária Boliviana), Conlutas (Coordenação Nacional de Luta - Brasil), Batay Ouvriye (Batalha Operária – Haiti) e Tendência Classista e Combativa (TCC – Uruguai), acabam de convocar encontro para o dias 7 e 8 de julho de 2008, em Betim (MG), cuja consigna é *Muitas Vozes, Uma Só Luta*.

O Encontro, segundo seus convocantes, terá como temática a resistência contra o endividamento externo, privatizações, a exploração das transnacionais e grandes capitalistas nacionais, contratos de livre comércio entre os países, as reformas, o neoliberalismo, as bases militares norte-americanas e a ocupação estrangeira do Haiti.

É de muita importância um Encontro Latino-Americano e Caribenho. Mas não para se chegar pelo andar da pauta: nas configurações em relação à dívida externa, de

auditoria da dívida cidadã (como na Conlutas), não da simples união burocrática dos que “lutam”, não simplesmente contra a exploração das transnacionais e grandes capitalistas (conciliação de classes) e sim, pelo fim da exploração capitalista.

Concretamente, um Encontro Latino-Americano e Caribenho na atualidade, tem que obrigatoriamente discutir, entre outros pontos, a priorização do desenlace da crise que atinge a Bolívia. De um lado, as tendências fascistas, representadas pelo avanço da resistência às reformas em curso pela burguesia industrial e latifundiária dos

departamentos de Santa Cruz, Beni, Pando, Tarija “media luna”, como é chamada este agrupamento que representa diretamente o imperialismo americano. E, de outro, Evo Morales e as multinacionais petrolíferas, americanas e francesas, inclusive a Petrobrás, que é empresa mista, de capital consorciado com imperialismo.

Um Encontro Latino-Americano e Caribenho deve se fundamentar na formulação do Internacionalismo proletário de defesa do desenlace da Revolução Boliviana, que hoje se apresenta sob duas perspectivas: uma delas é o novo acordo com as multinacionais imperialistas e os departamentos (media luna) de reparte das riquezas bolivianas, com Evo Morales sendo um árbitro em relação às massas, reprimindo-as para sustentar a continuidade da exploração em outras bases. A outra é o não acordo e a continuidade da resistência

fascista ao governo de frente popular de Morales, que fatalmente se concluirá em banho de sangue e desmoralização das massas. Com esta segunda alternativa, certamente os militares retornarão no poder em continuidade do saque em favor do imperialismo.

Diante das alternativas colocadas para a Bolívia reunir um Encontro Latino Americano sem discutir o assunto, é pura traição e contribui para a legitimação da contenção da luta independente, respaldando a posição da COB em relação ao apoio ao Governo de Frente Popular de Morales.

Por fim, um Encontro Latino-Americano e Caribenho, que tem como um de seus convocantes a COB, deve ser realizado, sem sombra de dúvidas, na Bolívia.

## **A ciência revolucionária do conhecimento humano: Materialismo Histórico e Dialético.**

Quando se observa uma planta dentro de um invólucro de vidro, isolada do mundo a sua volta, podemos abstrair que ela nasce, cresce e morre e daí tirar verdades universais: de que ela desfaleceria sobre a terra da qual nasceu fecundando a mesma com seus restos mortais para uma nova geração de plantas; depurando assim o ciclo da existência dos vegetais. Pode-se mesmo projetar tais considerações como uma imutável e inquestionável verdade

científica pela lógica empírica que lhe foi aplicada.

A isto contesta o materialismo histórico e dialético. Pois para que se trave uma abordagem realmente científica do estudo do reino dos vegetais não podemos considerar a planta isolada do meio-ambiente em que se desenvolve uma vez que este é imprescindível à sua existência. Da planta que cresce se alimentam animais, que também respiram e interagem com seu meio, também padecem fecundando a terra e servindo, enfim, indiretamente, de

alimento para estas mesmas plantas. Um ciclo diversificado de espécies e formas de vida dotado de infinitas possibilidades, dotado de movimento.

Sobre este movimento – o movimento da natureza e as leis que o regem – se debruça o materialismo histórico e dialético; situando o mundo em constante transformação. Com o olhar precipitado, unilateral, tendencioso e dogmático que impera sobre o conjunto do conhecimento humano, impregnado pela divisão do trabalho, não se pode assimilar a trajetória da energia viva que desprende da planta através das formas e espécies.

A partir de meados do século XV se retoma o desenvolvimento do saber científico, cerceado durante os séculos pelos segredos universais da classe dominante segundo os seus interesses. Com a Renascença e o conjunto das incitações sociais que sucederam-se desde então, suscitadas pela subversão aos sagrados regimes de exploração de classe, se apresentava mais uma vez possível a libertação do conhecimento humano em função da própria labuta das classes exploradas e excluídas da produção intelectual. A luta contra o entesouramento do conhecimento dialético e contra o enclausuramento do pensamento científico feito pela Igreja,

combatidos violentamente pela Inquisição.

Contudo, diversas vertentes das classes sociais empenharam-se em destilar uma lógica científica que pudesse amparar suas aspirações. Não é surpresa que o conhecimento humano tanto tempo privado, continuasse a ser restrito à maioria, ficando a cargo dos intelectuais idealistas assentados pela burguesia ascendente (neste período). Por um Socialismo que amparasse todas as classes harmoniosamente e que fizesse emergir da luta de classes a nova classe dominante, a burguesia sustentou o estudo “científico” que justificasse a nova estrutura de exploração do homem. Surge daí os preceitos naturalistas que almejavam comprovar a justeza de suas políticas sociais capitalistas tal qual na sua concepção abstrata da própria natureza: como na lei do mais forte justificando a selvageria capitalista; a lei da seleção natural institucionalizando a exploração de um homem por outro e a política racial; a dissimulação da luta de classes com sendo esta um processo natural da cadeia evolucionária.

Para tanto, a busca pelo conhecimento não poderia ser plena a ponto de identificar as contradições dos regimes de exploração edificados pelo próprio homem. Assim denominavam materialismo essas empreitadas intelectuais burguesas que se valiam da lógica de *causa e efeito* para

postular a base de uma nova estrutura social que contemplasse as aspirações burguesas que, por sua vez, não se assentavam tanto sobre o direito sagrado, mas na anomalia evolucionária que seus “cientistas” procuravam demonstrar.

Diante desta ordem de coisas, Marx e Engels dedicaram-se a combater estes novos preceitos abstratos do saber, apontando como ciência revolucionária o método que resgata o progresso do conhecimento humano pela ruptura com todas as suas amarras sociais. Conceberam que a história da humanidade é a história da luta de classes. Abordando dialeticamente a evolução do homem verificaram que o desenvolvimento das forças produtivas, pela socialização do trabalho, permitiu ao homem uma condição especial ante o trabalho tão comum e imprescindível a todos os seres vivos; a peculiaridade fundamental de planejar a produção numa escala sem igual. Situarão que em dado momento, impelido pela imaturidade das forças produtivas, viu-se surgir e transformar lentamente a família (gens, fâtrias e nações sucessivamente) até a institucionalização da propriedade privada – a expropriação do homem – e na edificação do Estado. Que a partir da base material das sociedades – compreendida pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas, pelas relações de

produção e apropriação/distribuição desta – se determinam as relações sociais em cada período. Que enquanto a sociedade estiver assentada sobre uma base material contraditória, produzir-se-á conflitos que culminarão na falência e ruptura com seu próprio regime, pois cada um desses regimes estagnarão o desenvolvimento das forças produtivas.

Em contraposição ao social idealismo que se ia configurando cada vez mais forte em sua época (hoje institucionalizado amplamente), o materialismo histórico e dialético põe por terra as concepções pacíficas de conciliação de classes comprovando que *a violência é parteira da sociedade*, pois que o desfecho de cada período histórico se dá pelas contradições já expostas no processo de luta de classes.

O direito a exploração do trabalho, a apropriação individual da produção coletiva (acumulação do excedente por uma minoria dominante), à propriedade privada dos meios-de-produção foram direitos edificados pela força e só podem ser sustentados por esta. Sendo a classe dominante (hoje a burguesia) detentora de todo poder coercitivo e de repressão para garantir seus interesses, fatalmente só poderá ser despojada deste por uma força contrária e revolucionária que transforme a base estrutural do regime antecessor – através de uma

Revolução Social. Hoje a ruptura com este regime imperante de exploração do trabalho e acumulação das riquezas, só pode significar a ruptura com sua base estrutural contraditória incitada e dirigida pelo *sujeito histórico* que a visualiza e repudia – o proletariado moderno. Por um sistema sem a exploração do trabalho, pela coletivização dos meios-de-produção (fim da propriedade privada destes), pela *Ditadura do Proletariado* contra a miragem da representatividade burguesa; para desamarrar definitivamente o desenvolvimento das forças produtivas e do conhecimento humano.

A compreensão do mundo em constante movimento é imprescindível para identificar as contradições principais de determinado fenômeno (como o são os regimes de exploração de classes, como o é o capitalismo) e os mecanismos para sua superação. A renúncia e a dissimulação aos preceitos conquistados como marxismo, pois, configuram como um ataque direto ao materialismo histórico e dialético como uma ciência, tornando-o letra morta pela boca dos intelectuais pequeno-burgueses e revisionistas. Está contido no legado do marxismo a análise do processo da degenerescência social devido às suas contradições estruturais e

contidos também os apontamentos dos mecanismos para sua superação.

Postular, por exemplo, que o capitalismo transcendeu sua forma original de acumulação de capital, de exploração do homem ou afirmar que lhe é possível vencer certas contradições estruturais e até mesmo coexistir em sua crise desenvolvendo as forças produtivas, não é mais que um retrocesso no processo de ruptura. Tratar-se-á de uma vociferação fugaz de materialismo barato vez que para tanto – para conceber crescimento dentro do capitalismo (como em outros regimes contraditórios) – é necessário renunciar ao materialismo histórico e dialético e ignorar sua análise conjunta da decadência expressada por sua crise estrutural de superprodução, intensificada na fase superior e última do capitalismo: o **imperialismo**.

Como a planta não pode deixar de empreender o processo de fotossíntese para existir, também não pode o capitalismo abdicar do processo de acumulação do capital através da exploração do trabalho, da expropriação generalizada e do confronto de forças produtivas. Muito embora a planta se aproxime ou afaste do sol, se feche ou se abra ao crepúsculo, ela processa fotossíntese; assim como o capitalismo acirra suas contradições irremediáveis agonizando no encerramento de seu **único** processo

cíclico de degeneração. Configurando-se assim, como mais um ciclo na história das sociedades, na história da luta de classes.

Sendo o capitalismo um fenômeno dialético do processo de luta de classes que, diferentemente das plantas, não pode manter-se ou reproduzir-se naturalmente, ambiciona fazê-lo de forma

mecânica. Compreender, pois, os câmbios e articulações do capital em agonia como sendo suas novas e sucessivas bases materiais de acumulação de capital não é como analisá-lo em movimento (histórica, dialética e cientificamente) – pois que se movimenta para a morte, seja correndo ou mancando –, mas hipnotizar-se por seu movimento.

## A taxa de Lucro

*A soma GERAL do capital é D-M-D': lança-se uma soma de valor na circulação, para retirar dela soma maior. O processo que gera essa soma maior é a produção capitalista; o processo que realiza em dinheiro é a circulação do capital. O capitalista não produz a mercadoria por amor a ela, pelo valor-de-uso que encerra, nem para consumi-la pessoalmente. O produto que o interessa efetivamente não é o produto concretamente considerado, mas o valor excedente do produto acima do valor do capital consumido para produzi-lo. Página 44 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

*Reforça seu ponto de vista a circunstância de a proporção real de seu ganho ser determinada não pela relação deste com o capital variável, mas com o capital todo, não pela taxa da mais-valia, mas pela taxa de lucro, que, conforme veremos, pode permanecer a mesma e, apesar disso, corresponder a taxas de mais-valia diferentes – página 45 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

*No processo de circulação aparece, ao lado do tempo de trabalho, o tempo de circulação, que limita a quantidade da mais-valia realizável em determinado prazo. Outros fatores, oriundos da circulação, intervêm, de maneira decisiva no processo imediato de produção. Ambos, o processo imediato de produção e o processo de circulação, confluem constantemente, interpenetram-se e assim mascaram, sem cessar, as características que os deferenciam. A produção da mais-valia e a do valor em geral assumem no processo de circulação, conforme vimos, novas qualificações; o capital percorre o ciclo de suas metamorfoses, saindo por fim de sua vida orgânica interna e estabelecendo relações de vida externas, em que se confrontam não capital e trabalho, mas, de um lado, os capitais e, do outro, os indivíduos na posição apenas de vendedores e compradores; entrecruzam-se os caminhos do tempo de circulação e do tempo de trabalho e ambos igualmente parecem determinar a mais-valia; a forma inicial em que se defrontam capital e trabalho assalariado é disfarçada pela intromissão de relações independentes dela na aparência; a própria mais-valia não resulta mais de apropriar-se o capitalista de tempo de trabalho, tomando a feição de excedente do preço de venda das mercadorias sobre o preço de custo, que, por isso, facilmente se apresenta como valor intrínseco, de modo que o lucro aparece como excedente do preço de venda sobre o valor imanente das mercadorias – página 47 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

*A taxa de lucro difere quantitativamente da taxa de mais-valia, embora mais-valia e lucro sejam de fato idênticos e quantitativamente iguais; entretanto, o lucro é forma transfigurada da mais-valia, desta dissimulando e apagando a origem e o segredo da existência. A mais-valia aparece sob a forma de lucro, e é mister a análise para dissociá-la dessa forma. Na mais-valia se põe a nu a relação entre capital e trabalho; na relação entre capital e lucro, isto é, entre capital e mais-valia – onde esta aparece como excedente sobre o preço de custo da mercadoria, convertido em dinheiro no processo de circulação e mensurando por sua relação com a totalidade do capital – apresenta-se o capital como*

*relação consigo mesmo, uma relação em que, como soma inicial de valores, se distingue do valor novo por ele mesmo criado. Sabe-se que produz esse valor novo, ao movimentar-se através dos processos de produção e de circulação. Mas, fica dissimulada a maneira como isso ocorre, parecendo que o valor excedente provém de propriedades ocultas, inerentes ao próprio capital – página 51-52 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

## **A questão da tendência da queda da taxa de lucro:**

*Ora, vimos ser uma lei do modo de produção capitalista que, ao desenvolver-se ele, o capital variável decresce relativamente, comparado com o constante e por conseguinte com todo o capital posto em movimento. Em outras palavras, o mesmo número de trabalhadores, a mesma quantidade de força de trabalho, obtida por capital variável de valor determinado, em virtude dos métodos de produção peculiares que se desenvolvem dentro da produção capitalista, mobiliza, emprega, consome produtivamente, no mesmo espaço de tempo, massa crescente de meios de trabalho, de máquinas, de capital fixo de toda espécie, de matérias-primas e auxiliares, em suma, um capital constante com magnitude cada vez maior de valor. Esse gradual decréscimo relativo que o capital variável experimenta, confrontado com o constante e portanto com todo o capital, identifica-se com a ascensão progressista da composição orgânica do capital social médio. É apenas outra maneira de expressar-se o desenvolvimento progressivo da produtividade de o mesmo número de trabalhadores, no mesmo tempo, com o emprego crescente de máquinas, de capital fixo em geral, transforma em produtos quantidades maior de matérias-primas e auxiliares, havendo portanto redução de trabalho. A esse montante crescente do valor do capital constante – embora só de maneira longínqua represente ele o acréscimo de massa efetiva dos valores-de-uso que constituem materialmente o capital constante – corresponde redução crescente do preço do produto. Cada produto individual, isoladamente considerado, passa a conter quantidade menor de trabalho, tomando-se por termo de comparação estágios inferiores de produção onde o capital desembolsado em trabalho é muito maior relativamente ao empregado em meios de produção. As equações que propusemos no início expressam portanto a tendência real da produção capitalista. Essa tendência produz, simultaneamente com o decréscimo relativo do capital variável em relação ao constante, cada vez mais elevada composição orgânica do capital global, daí resultando diretamente que a taxa de mais-valia, sem variar e mesmo elevando-se o grau de exploração do trabalho, se expresse em taxa geral de lucro em decréscimo contínuo (mais adiante veremos por que esse decréscimo não se concretiza nessa forma absoluta, mas em tendência à queda progressiva). A tendência gradual, para cair, da taxa geral de lucro é portanto apenas expressão, peculiar ao modo de produção capitalista, do progresso da produtividade social do trabalho. A taxa de lucro pode, sem dúvida, cair em virtude de outras causas de natureza temporária, mas ficou demonstrado que é da essência do modo capitalista de produção, constituindo necessidade evidente, que, ao desenvolver-se ele, a taxa média geral da mais-valia tenha de exprimir-se em taxa cadente de lucro. Página 242 -243 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

Várias são as interferências que implicam nesta problemática. Marx, na obra “O Capital”, desenvolve várias explicações das alternativas e das diversas possibilidades de aumento, queda ou manutenção das taxas de lucro anteriores.

Em “O Capital” a linha de pensamento e fundamentação teórica para a queda tendencial da taxa de lucro é o aumento do capital constante em relação ao

variável. De que na concorrência e na conseqüente modernização da maquinaria - desenvolvimento das forças produtivas, especificamente do capital constante com vistas a uma maior produtividade do trabalho e, por conseguinte, maior exploração da mais valia -, nem sempre resulta na elevação da taxa de lucro dependendo esta última da análise da totalidade do capital investido na produção/circulação (composição orgânica do capital).



## Marx define a mais valia e taxa de lucro como:

*“A razão que existe entre a mais-valia e o capital variável é a taxa de mais-valia, e a que existe entre a mais-valia e a totalidade do capital é a taxa de lucro. São duas mensurações diferentes da mesma magnitude, expressando proporções ou relações diferentes da mesma grandeza, em virtude da diferença entre as unidades de medida empregadas”* página 46 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).

A que se notar que o aumento da produtividade simplesmente, apesar de aumentar a taxa de mais valia, não reflete as vezes em aumento da taxa de lucro no conjunto da economia, visto que a realização do capital se dá na produção/circulação e a taxa de lucro como totalidade do ciclo e metamorfose deste.

## Dois aspectos do fenômeno

### 1) A queda da taxa de lucro em si:

*A produtividade do trabalho – cuja influência na taxa de mais-valia foi pormenorizadamente estudada no livro primeiro, parte quarta – pode influir diretamente na taxa de lucro, pelo menos de um capital individual, se, conforme expomos no livro primeiro, capítulo X, pp. 363-65, esse capital individual trabalha com produtividade superior à social média das mesmas mercadorias, realizando assim um lucro extraordinário –* página 55 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).

*O desenvolvimento da produção e da acumulação capitalista leva a processos de trabalho em escala, em dimensões cada vez maiores, e em conseqüência a desembolsos crescentes de capital para cada estabelecimento particular. Por isso, além de ser uma das condições materiais delas, é um dos resultados por elas produzidos, a concentração crescente dos capitais, acompanhada, embora em proporção menor, de aumento do número dos capitalistas. Junto e em interação com isso, há a expropriação progressiva dos produtores diretos ou indiretos. Fica assim compreensível a circunstância de capitalistas isoladamente considerados comandarem exércitos crescentes de trabalhadores (por mais que o capital variável diminua em relação ao constante), e a de aumentar a massa da mais-valia de que se apropriam e por conseguinte o montante do lucro, simultaneamente com a queda da taxa de lucro e apesar dessa queda. As causas que concentram grandes massas de trabalhadores sob o comando de capitalistas individuais são as mesmas que aumentam em proporção crescente a massa do capital fixo aplicado, a das matérias-primas e auxiliares, em confronto com a massa do trabalho vivo empregado” –* página 250 – 251- de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).

A tendência de queda da taxa de lucro é totalmente intrínseca ao sistema capitalista e por sua vez ao fenômeno da superprodução, acumulação, concentração de capital e massificação dos miseráveis, manifestado como programa por Marx e Engels desde o Manifesto Comunista. Não tem nenhuma razão os teóricos que falam em nome do marxismo de opor um fenômeno ao outro.

O que Marx vai nos explicar exhaustivamente em “O Capital” é a contradição entre o desenvolvimento dos meios de produção e o conjunto das forças

produtivas e a relação de produção advinda da propriedade privada burguesa, como causadora dos dois males inter-relacionados.

Trotsky expressou no programa de transição que, com a estagnação das forças produtivas a burguesia passou a viver do capital acumulado. Esta citação tem levado a uma série de horrores de diversas correntes reivindicantes do marxismo. Não é bem assim, e se fosse simples Marx não teria dedicado exaustivo tempo para explicar tais fenômenos.

2) As variantes momentâneas e históricas da composição orgânica do capital e as variantes em relação a taxa de lucro.

Maravilhas são alcançadas nas forças produtivas, verdadeiros saltos de qualidade e quantidade, aumentando a produtividade e aumentando a mais valia e a taxa de lucro específica. Ocorre que, ao generalizar tal tecnologia de novo volta-se a situação

anterior, com o agravante da estreiteza das manobras de aumento de produtividades, instalando assim, entre os capitalistas uma encarniçada corrida pelas inovações tecnológicas.

*Se  $v$ [ $v$ =capital variável] cai de 30 para 20, por se empregar 1/3 menos de trabalhadores, ao mesmo tempo que aumenta o capital constante, teremos o caso normal da indústria moderna: produtividade crescente do trabalho, domínio de quantidade maiores de meios de produção por menos trabalhadores. Na parte terceira deste livro ver-se-á que este movimento está necessariamente ligado à queda simultânea da taxa de lucro. Página 63 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

*A Taxa de lucro é assim determinada por dois fatores principais: a taxa de mais-valia e a composição do valor do capita. l- página 76 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

*O principal meio para diminuir o tempo de produção é aumentar a produtividade do trabalho, o que se chama geralmente progresso industrial. E em consequência, sobe necessariamente a taxa de lucro, a não ser que a totalidade do capital investido aumente consideravelmente com o emprego de maquinaria custosa, etc. e reduza assim a taxa de lucro a calcular sobre o capital. E é sem dúvida o que sucede com muitos dos recentes progressos da metalurgia e da indústria química. Os novos processos de produzir ferro e aço, descobertos por Bessemer, Siemens, Gilehrst-Thomas e outros reduziram a um mínimo, com custos relativamente pequenos, o tempo exigido pelos métodos anteriores extremamente demorados. - página 79 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

*Aqui basta lembrar que, dada a população trabalhadora, se sobe a taxa de mais-valia, seja prolongando-se ou intensificando-se a jornada de trabalho, seja reduzindo-se o valor do salário em virtude de desenvolver-se a produtividade do trabalho, cresce necessariamente a massa de mais-valia e por conseguinte a massa absoluta de lucro, apesar de o capital variável diminuir em relação ao constante -. página 251 - de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

Marx explica que as várias possibilidades de aumento, queda ou permanência da taxa de lucro às diversas situações não se dá em linha reta e unânime da relação capital constante e variável, ao ponto de ocorrer aumento do capital variável e a simultânea queda da taxa de lucro.

O ponto de partida para se argumentar se há ou não queda da taxa de lucro é a

análise da economia no seu conjunto. Pois, pode haver queda ou aumento da taxa de lucro em determinado ramo da produção e no conjunto ocorrer o contrário. O grande problema colocado é o acesso aos dados gerais da produção, circulação e consumo no presente sistema.

**Algumas variantes implícitas na variação da taxa da mais-valia e no aumento ou não da taxa de lucro:**

- A variação do capital constante em relação ao variável. O aumento do capital constante em relação ao capital variável (nem sempre diminui a taxa de lucro). Vários são os fatores que interferem nesta relação de aumento, queda da taxa de mais-valia e da taxa de lucro;
- Diminuição ou aumento dos salários;
- Aumento ou diminuição da jornada de trabalho;
- Aumento do desemprego, pois assim como os baixos salários interfere de forma acentuada na conformação final da circulação e consumo;
- Aumento ou diminuição da produtividade (aqui vemos as reestruturações produtivas e a modernização da maquinaria). Os capitalistas na busca por melhores condições para a realização do lucro, da concorrência, de melhores condições para ganho de produtividade e desova de suas mercadorias (no sentido de completar o ciclo do capital com a circulação e finalmente, o consumo), modernizam as máquinas, acentuam a divisão do trabalho, reduz os salários, e capital variável, prolongando na maioria das vezes a jornada de trabalho;
- A problemática da circulação das mercadorias (vimos hoje no exemplo do Porto Brasil em que se projeta um Parque Industrial às corporações e as multinacionais capitalistas no sentido

da linha de montagem desovar as mercadorias diretamente nas grandes embarcações). Um grande entrave atravessa o grande capital: exatamente o problema dos transportes e do trânsito, os capitais acabam lutando contra os próprios capitais. Na circulação (elemento fundamental e influente nos ganhos gerais e na taxa de lucro) acaba por confrontar interesses capitalistas uns contra outros (razão do não planejamento e da anarquia reinante neste sistema), vejamos: As estradas de ferro foram dando lugar às multinacionais automobilísticas. O transporte sobre pneus e petróleo acabou se incorporando ao capitalismo como o sistema circulatório do corpo humano. A par da expulsão do homem do campo para ser transformado em mão de obra barata nas grandes cidades sem nenhum tipo de planejamento duradouro, compareceu intrínseco a estas o caos do transporte. Os altos custos e o caótico trânsito, interrompe a sede por aumentar as taxas de lucro dos capitalistas. Os baixos salários, a extensão da jornada, o fator tecnológico (modernização da maquinaria) são instrumentos do conseqüente aumento da produtividade, da extração cada vez maior da mais-valia.

*O principal meio de abreviar o tempo de circulação é o processo dos transportes e comunicações. Nesse domínio operou-se durante os cinquenta anos uma revolução com que só se pode comparar a revolução industrial da segunda metade do século anterior. Em terra, a ferrovia colocou em plano inferior a estrada mecanizada; no mar, as linhas regulares dos vapores eclipsaram os irregulares e lentos navios a vela, e as linhas telegráficas cingem o globo terrestre. Só agora, a bem dizer, o canal de Suez abriu a Ásia Oriental e a Áustria ao tráfego a vapor. Em 1847 o tempo de circulação de mercadoria remetida à Ásia Oriental era pelo menos de doze meses (ver livro segundo, pp. 267s), o que hoje pode ser reduzido aproximadamente ao mesmo número de semanas. — páginas 79 -80 de o Capital Volume IV - Difusão Editora S.A (1983).*

- Toda uma situação dada em função do exercício e metamorfose dos capitais, que necessitam confirmar a

extração da mais valia e sua realização em taxa de lucro na esfera

da produção e circulação no seu | conjunto (economia mundial).

## **O Estado capitalista como instrumento por fazer aumentar as taxas de lucro no conjunto da economia capitalista.**

A crise estrutural do capitalismo faz surgir novas e entrelaçadas reestruturações produtivas (fordismo, taylorismo, toyotismo) no campo direto da produção. Enxugamento das plantas, *just in time*, espaço, tempo (logística) e principalmente reforço e intensificação ideológica e disciplinar, vão modelando, à imagem e semelhança da crise estrutural do sistema. O Estado comparece como salvaguarda e de homogeneização (pelo menos como tentativa), por impor as políticas e as decisões de conjunto do grande capital mundial.

Visando contrabalancear as quedas das taxas de lucros e todas as dificuldades que vão se somando à economia capitalista, o outrora **Estado de bem estar social** vai se dissolvendo enquanto tal, se tornando e avolumando como Estado diretamente fascista. Totalmente a serviço da classe dominante, assumindo integralmente as Parcerias Público/Privadas. As grandes corporações e impérios capitalistas assumem para si o controle do mais longínquo “Estado Nacional” (De longe,

não estamos dizendo que o Equador está errado em reivindicar a sua soberania fronteiriça).

Aos orçamentos públicos são dadas outras prioridades: **não** aos serviços públicos e inclusive a Educação, previdência, saúde e etc. e **sim** ao socorro dos grandes capitalistas com vistas ao aumento das taxas de lucros, o que era público se torna privado e o Estado assume de vez seu papel de força de repressão, de administração e socorro burguês.

Ninguém, de bom senso e usando da lógica material, diante da magnitude da crise de direção do proletariado mundial, pode duvidar da capacidade e do poderio econômico da burguesia mundial de tudo fazer por garantir as taxas de lucro e que as adequações do Estado acabam por impor. Os direitos trabalhistas e sociais são eliminados, a barbarização das relações de produção são o instrumento momentâneo e vão se aprofundando a longo prazo para manter os apetites do capital.

Por fim, o grande dilema dos “Marxistas modernos” é exatamente estudar e analisar os fenômenos no seu conjunto com todas suas variantes. O método capaz desta análise não pode ser outro que o *materialismo histórico e dialético*.

As grandes e sábias análises destes marxistas modernos acabam opondo a taxa de lucro à mais-valia, retirando da esfera da produção e do operariado moderno as diretrizes políticas essenciais da transformação. E ainda opõem a queda da taxa de lucro às crises de superprodução. Acabam estes teóricos indo para a esfera do lucro (causa e

efeito), rompendo com o método do materialismo histórico e dialético.

Desta forma, o idealismo está presente em nossos dias necessitando de um Anti-Duhring e de um permanente combate à ideologia alemã (em si) ainda presente em nossos dias.

Com a concentração do capital, o domínio do capital financeiro, as

dificuldades impostas pela **tendência de queda da taxa do lucro** intrínseca ao modo de produção capitalista, acaba por acarretar investimento parasitário por fora da produção de somas e mais somas de capital acumulado em negócios de rendimentos fáceis, porém sem bases reais na economia capitalista e na riqueza material, aguçando ainda mais as contradições do sistema calcado na propriedade privada dos meios de produção e na exploração da mais-valia.

As oscilações do mercado mundial e os craques nas bolsas no mundo são fenômenos desta magnitude e inerentes ao capitalismo e suas crises cíclicas. A economia não reflete a realidade da produção, circulação e consumo, rompendo assim o próprio ciclo do capital.

## Educação Pública

Introdução necessária:

O drama da Educação Pública é resultado e consequência da crise estrutural do sistema capitalista. Os meios de produção, ou seja, a base material é que determinam à sua imagem e semelhança as teorias do conhecimento, a educação, o mundo das idéias e a própria evolução do ser humano.

Os principais teóricos, do ponto de vista do proletariado, nos apontaram os caminhos para solucionar os problemas por que passa a humanidade: socialização dos meios de produção, do produzir a vida pela subsistência, (produção e reparte desta produção igualmente). No planejamento universal em harmonia Sociedade/Natureza, como realizador da educação da humanidade rumo ao fim das classes sociais, por uma

divisão social do trabalho e como condicionante do próprio desenvolvimento desta humanidade, da vida em abundância, do desvendar dos fenômenos em todas suas dimensões.

Para os lutadores do Movimento Socialista esta deve ser a estratégia a ser perseguida diuturnamente. Sair desta perspectiva apontando para melhoria qualitativa e libertadora da educação no presente sistema de propriedade privada dos meios de produção - com sua consequente divisão do trabalho e o anti-planejamento universal dos produtores/consumidores -, se torna puro charlatanismo, que é próprio da cultura e saber explorador e burguês.

## A luta pela Educação Pública no Brasil

Dentro dessas premissas introdutórias, uma série de ações e reivindicações deve ser planejada no marco nacional em estreita consonância e interligação com a luta do proletariado moderno internacional.

Assim, uma segunda premissa deve ser levada em consideração como essência de um programa pela melhoria da educação no Brasil é o internacionalismo proletário.

Como uma terceira premissa comparece, como fundamento inseparável

desta luta, a defesa das necessidades vitais dos seres humanos no tocante a sua produção e reprodução em todos os seus aspectos, quais sejam:

- A luta pelo salário mínimo real para os educadores e educandos e para toda a classe trabalhadora;
- A luta pela jornada correspondente às condições

adequadas à educação e a vida dos trabalhadores em geral eliminando, por exemplo, a anti-educação inserida nas disposições constitucionais em possibilitar dois cargos de até 64 horas/aulas no ensino público e a possibilidade de um terceiro emprego na rede de ensino ou empresa particular;

- Por uma jornada única na educação, de 20 horas/aula e o salário mínimo real de R\$ 3.000,00 no início da carreira;
- Carreira compatível com o permanente aprendizado na perspectiva da divisão social do trabalho (ensino universal do conhecimento acumulado pela humanidade);
- Salas de aulas com no máximo 20 estudantes;
- Defesa da Educação voltada para o desenvolvimento da humanidade, para o produzir para todos, sem a exploração do trabalho;
- Uma Educação na sua totalidade, visando a divisão social do trabalho e não a formação de mão de obra para o mercado;
- Não a Educação voltada para a cidadania capitalista que nada mais é que mentira de igualdade e de direitos, que só aos proprietários dos meios de produção são reservados;
- Uma Educação que aspire ao planejamento mundial da produção e o reparte desta para todos, e não para o

atendimento das reestruturações produtivas, visando lucro e sua barbarização na tentativa de reverter a tendência de queda da taxa de lucro intrínseca ao capitalismo;

- Uma Educação que seja de responsabilidade de todos, não só dos professores e da família burguesa;
- Formação dos professores levando-se em conta a totalidade do conhecimento acumulado, condições de vida e de estudo compatível com a atualização diária do conhecimento;
- Uma Escola em que os estudantes e os professores sejam **sujeitos e produtores** do conhecimento e não reprodutores dos interesses do capital;
- A defesa da Educação gratuita, laica, científica de qualidade em todos os níveis, para todos, sem a presença dos vestibulares e da educação privada, voltada para os meios de produção coletivos (práxis social) e não para a miséria da humanidade que é a produção privada;
- Sequência automática do Ensino médio à formação superior.

Estas reivindicações devem fazer parte da luta pelas necessidades básicas de todos os trabalhadores.

Salário mínimo dos países imperialistas:

EUA – 824 Dólares R\$1425,52  
Espanha – 666 dólares = R\$ 1.012,32  
França – 1254 euros = 1906 Dólares = R\$ 3297,51

Alemanha só possui na Construção civil 825 dólares = R\$1427,25  
Inglaterra – 1361 euros = 2068,72 dólares = R\$ 3578,88  
Japão – média 103. 999,9 ienes = 963,31 dólar = R\$ 1345,07

**Considerando que mesmo nos Países Imperialistas os direitos fundamentais dos trabalhadores não são garantidos; considerando os salários dos parlamentares (representação burguesa) no mundo todo, considerando as necessidades vitais de uma família típica devemos defender um salário mínimo de R\$ 3.000,00.**

## A Crise nos E.U.A

### **A crise cíclica do regime capitalista se manifesta de forma permanente no Império americano e reflete diretamente as manobras do capital especulativo**

A supremacia econômica, política e militar do principal centro do capital financeiro mundial – os E.U.A – acaba por camuflar e criar um desenvolvimento fictício dos meios de produção, totalmente artificial imposto e controlado pela Bolsa de Valores e diretamente manipulado pelo sistema financeiro.

As contabilidades das corporações e empresas diretamente ligadas à produção de mercadorias e de serviço são totalmente manipuladas e falsificadas. As maiores empresas e bancos estão sob constante suspeita, apesar de nada acontecer, salvo uma ou outra que a concorrência foge do estrito controle do império centralizado. A título de exemplo, foi o ocorrido no caso da WorldCom, que declarou, entre 1999 e 2001, nove mil milhões de dólares a mais sobre os seus lucros. A falsificação das taxas e lucros das empresas e corporações americanas tem sido uma constante. Ao par desta manobra, comparece a valorização das ações destas empresas que triplicam seus títulos no mercado acionário. Uma economia totalmente fictícia. Outro exemplo que veio à tona, foi o caso dos subprime do mercado imobiliário, em que os títulos precarizados e de total risco eram altamente valorizados e negociados no mercado acionários por fortunas. A queda tendencial da taxa de lucro do capitalismo americano é forjada inversamente no mercado e ações. Esta é a

essência da crise que perfaz o presente momento econômico mundial.

Os ciclos de crises e do boom no “desenvolvimento capitalista e taxa de lucro” americano são determinados pelo Wall Street, pelo saque imperialista e a inversão de somas de capital “estatal” na industrial armamentista, com as guerras e ocupações permanentes como a do Iraque. Esta situação se arrasta do pós-guerra até nossos dias.

Os mecanismos de manobra vão se limitando e o estouro está realmente por vir, nada está descartado: novos espaços de manobras (como o ocorrido na diminuição da taxa de juros ou mesmo a nova perspectiva que derrubou o preço das commodities e fez somas de capitais se voltarem de novo aos títulos do governo americano, retomando o dólar suas posições. Ou ainda, resolução do problema com a intensificação do mecanismo do aquecimento da indústria da guerra ou mesmo um confronto inter-imperialista sem precedentes, que poderia culminar em uma 3ª grande guerra mundial. De certo, é que temos uma quebra de US\$ 2 trilhões só neste ano e se projeta uma perda nos próximos dias da ordem de US\$ 6 trilhões, que é a soma prevista destes capitais de risco espalhados pelas Bolsas no mundo.

A crise imobiliária dos E.U.A não é meramente uma crise americana, pois o

reflexo de sua crise atinge escalas mundiais e, por sua vez, também reflete a tendência predominante no planeta.

Embora os E.U.A tenham vivido a bolha da internet com a WorldCom, o ataque de 11 de setembro e agora a crise do subprime, mesmo assim, continuam de pé, pois a acumulação de capital neste país é interminável, mesmo que fictício e pela guerra de rapina.

A resposta desse ataque veio em forma de guerra contra o Iraque, cujo

objetivo principal foi e é aquecer as indústrias armamentistas e a construção civil.

Na crise atual, concentrada no mercado imobiliário, ainda se mantêm alguns trunfos, pois tiveram nos últimos anos lucros com ganhos vindo de fora de seu solo na exportação devido o dólar baixo em relação ao euro, situação que não pode perdurar, devido a recessão que já está em total andamento, com a diminuição de milhares de postos de trabalho o que vai levar e já está em andamento uma necessidade da redução do consumo.

---

As manobras do capital financeiro à custa do sangue e morte dos trabalhadores, os desmandos e manobras do grande capital e sua barbárie só será contido com a entrada em cena do movimento operário Internacional. Por isso:

Conclamamos os lutadores do planeta a aderirem à convocação de uma Conferência Internacional dos trotskistas principistas, atendendo ao chamado e conclamação da Fração Leninista Trotskista (FLT), em prol da organização da resistência contra a barbárie capitalista e a construção do Partido Mundial da Revolução Proletária.



## O Partido Operário Marxista

Porque é a construção do Partido Revolucionário a ferramenta principal da luta revolucionária, ontem e mais ainda hoje!

Muito se tem denegrido esta ferramenta insubstituível na luta pelo comunismo. As deformações são tantas que acabam mesmo reforçando a tese da não necessidade do Partido e ainda mais: que sua existência passa a ser um estorvo e obstáculo da luta revolucionária.

Algumas distorções em se tratando da luta partidária dos agrupamentos que reivindicam do marxismo:

O Stalinismo acabou por transformar o Partido Bolchevique em um centro dirigente do Estado em substituição aos Sovietes que passou a ser um fantoche de parlamento. As divergências internas eram tratadas com o braço armado e repressor deste Estado, nada de tão estranho, vez que: a burocracia acabou por cumprir um papel de classe proprietária até a volta desta, com toda sua plenitude, harmonizando de vez a democracia formal e a propriedade privada dos meios de produção.

A democracia formal em seu seio já bem conspirava não contra a propriedade privada mais sim, contra as bases da revolução de outubro.

Devido esta manifestação nefasta ao marxismo muitos agrupamento que reivindicam de revolucionários acabam por negar o partido, caindo em um culturalismo próximo do anarquismo.

Temos também uma variedade de deformação de partido bolchevique aos moldes da cultura stalinista nesta questão. Verdadeiros proprietários se passam por revolucionários profissionais e à custa das contribuições dos militantes vivem do partido, estudando e dando ordem à militância. Geralmente as divergências são tratadas como caso de polícia, difamação e etc. é o stalinismo presente, é a pequena burguesia se apropriando do legado do

Socialismo e direcionando para a propriedade privada dos meios de produção.

A IV Internacional não ficou livre da burocratização.

Como resultado político do entrismo nos PCs stalinistas Michel Pablo acabou por dar uma grande contribuição a burguesia mundial, infestando a construção da IV Internacional com as frentes populares, na defesa do stalinismo diante do imperialismo e de que a III Internacional acabaria por voltar aos trilhos sem uma revolução política na União Soviética. Que bastaria o acirramento da luta de classe entre capitalismo e socialismo representado pela União Soviética e imperialismo. Com a burocratização e a democracia formal como fundamentos da construção partidária revolucionária internacional, o resultado não poderia ser outro, ou seja, uma total degenerescência desta incipiente organização que enfrentava uma monstruosa contradição em combater os atuais dirigentes da única revolução proletária vitoriosa do planeta.

Com o Morenismo se deu uma variante em que mesclou o centralismo burocrático stalinista e pequeno burguês com uma mescla de clube de amigos, que por amor à causa do socialismo acabam por centralizar em relações familiares e de amigos. A rotulação de ultra-esquerda, sectários acaba por esconder o verdadeiro conteúdo desta corrente política que com a justificativa da atualização do Programa de Transição Moreno acabou por adaptá-lo a política de frente popular e ao programa mínimo da social democracia, dando uma pitada revolucionária para a militância no movimentismo que as vezes resultam em um sindicalismo no máximo combativo e por ver revoluções socialistas em processos espontâneos mesmo tendo ausente uma direção revolucionária.

Temos também em se tratando da estruturação do Partido Marxista a defesa do partido como insurrecional próximo das guerrilhas. Em que o Partido formula as teses mestres não em um planejamento/programa

na conquista das organizações dos oprimidos e sim, como uma espécie de ordem moral para uma pseudo-vanguarda executar. Não existe inter-relação dialética entre a teoria/partido, programa, prática e a vanguarda. Na verdade estas correntes acabam por representar uma variante da pequena burguesia radical e o rompimento com o materialismo histórico e dialético.

Estas últimas variantes acabam por empreitar a resolução da principal tese do Programa de Transição de que a crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária mecanicamente. O desespero pequeno burguês assume a base material e a inter-relação com a classe instintivamente revolucionária se torna casualidade e obra para as imposições e resoluções mecânicas de formas de tomada de poder.

Na essência, a existência de um partido político se resume em uma organização centralizada com vistas a defesa de um objetivo estratégico pré-estabelecido, produzir, re-produzir e tentar homogeneizar os conteúdos ao grupo partidário, sua expansão e tornar-lo dominante.

A burguesia possui uma infinidade de partidos, representa mesmo a diversidade dos diversos grupos econômicos que disputam a exploração do proletariado e mesmo, como forma de reprodução ideológica de classe dominante.

O método ou a forma de funcionamento também está determinado pela estratégia perseguida. No caso dos partidos burgueses, com o modo de produção regido pela propriedade privada, não poderia ser outro senão a democracia formal. Por que democracia formal? Justamente, porque se trata de uma permanente luta entre os proprietários e pela exploração de classe. A centralização se faz entrelaçando o poder dos monopólios, das corporações e do Estado. Na Democracia dizem eles, somos todos iguais, “todos têm os mesmos direitos”, afinal cada um valem um voto. Para a burguesia o poder econômico não faz diferença, nas relações de

democracia; “somos livres” e quando da ditadura (chegam a fundamentar mesmo os golpes militar e o sustentar de governos militares em nome da democracia), “dos interesses de todos” (os burgueses é claro).

Não temos só os partidos burgueses, mas também os pequeno-burgueses e mesmo os “revolucionários”, que na maioria das vezes são pequeno-burgueses. Como os diferenciamos esta gama de partidos?

Esta diferença se faz pelo programa! Más não é só isso.

A defesa do modo de produção regido pela propriedade privada e a democracia são um divisor que delimita a essência dos interesses partidários. Na democracia (democracia formal, burguesa) está intrínseca a luta dos proprietários privados, mesmo que do conhecimento (no caso da pequena burguesia). Os objetivos estratégicos devem sempre corresponder ao método, a tática e a produção da vida que no caso – o partido-comparece também, como base material. Este último aspecto determina os objetivos estratégicos dos chamados “Partidos Revolucionários”. Expliquemos de outra maneira:

Mesmo em um “Partido Revolucionário”, mesmo constando no programa deste Partido, a Ditadura do Proletariado como Transição para o Comunismo, não garante nada. Se o método, a democracia interna, o produzir a vida (as idéias ou programa) se dão nos marcos da democracia formal e suas variantes – temos assim, como verdadeiro objetivo estratégico a propriedade privada dos meios de produção, apesar dos componentes do partido e o programa apontar para o Socialismo e mesmo ao Comunismo..

Faz parte da democracia formal a divisão do trabalho, o domínio de uns sobre os outros como forma de ascensão, e nisto comparece o germe e o desenvolver dos meios de produção privados. Podemos aspirar ao comunismo em um produzir a vida nos marcos da propriedade privada?

Marx e Engels nos ensinam que não! E neste descobrir, estes dois pensadores do Movimento Operário Internacional acabaram

por selar uma amizade e uma vida em função do produzir a vida como essência do produzir e reproduzir o ideário em geral.

Estes dois revolucionários em relação à luta partidária, na classe organizada como classe, não desenvolveram teoria além das citações contidas no Manifesto:

*Praticamente, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário.*

*O objetivo dos comunistas é o mesmo que o de todos os demais partidos proletários: constituição dos proletários em classe e, a derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.*

*As concepções teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo algum, em idéias ou princípios inventados ou descobertos por tal ou qual reformador do mundo.*

*São apenas a expressão geral das condições reais de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenvolve sob os nossos olhos.*

A Lênin coube uma teorização mais aprofundada desta teoria. Como acentuou Marx e Engels no Manifesto, não se trata de capricho ou interesse particular e sim de uma teorização científica da questão.

A estruturação do Partido Bolchevique ou comunista e as inter-relações dialéticas com a estruturação da sociedade capitalista.

As formas de organização a materializar um produzir da vida, de forma coletiva e comunista, capaz de agir como base material coletiva de meios dos produção, no sentido da teorização de uma super-estrutura direcionada a uma futura sociedade comunista são indispensáveis à estruturação partidária, se é que desejamos falar de marxismo. Assim, torna-se possível

nos marcos capitalistas, com uma base material (da sociedade capitalistas) sob o domínio da propriedade privada dos meios de produção, o produzir de ideário comunista, conspirativo e concorrente aos ideários burgueses. Consequentemente está organização sob as bases comunistas acaba por materializar na luta de classe a luta pela expropriação e a socialização dos meios privados de produção.

Na teorização leninista de partido, alguns conceitos foram desenvolvidos em função da estruturação da sociedade capitalista e do objetivo estratégico perseguido, a Ditadura do Proletariado, o Socialismo como transição ao Comunismo.

O Internacionalismo proletário e o papel da vanguarda proletária internacional;

O método da luta direta e a democracia operária;

O Partido centralizado, o centralismo democrático;

A estruturação celular do partido.

O caráter centralizado, repressivo e ditatorial do capitalismo condicionou a necessidade da centralização e do caráter conspirativo do partido operário. O centralismo democrático se colocou na forma material das Assembléias de base que corresponde no partido ao Congresso como síntese da democracia operária. Romper com esta forma de organização fatalmente levará à democracia formal e também, como conseqüência, à defesa do regime da propriedade privada.

Podemos afirmar que o rompimento: com o internacionalismo, com o método da luta direta, com a democracia operária e com a tática que corresponda aos objetivos estratégicos (ditadura do proletariado) levará a uma situação da perda da independência de classe e por sua vez o distanciamento do caminho da revolução proletária e assim, do comunismo.

O porquê da democracia operária e a luta direta?

Exatamente por ser este o método de luta e a forma de se relacionar da classe operária (os proletários modernos) que em Marx aparecem como classe instintivamente comunista e como os próprios coveiros da sociedade capitalista.

Para dar unidade, entrelaçamento, vida orgânica ao centralismo e a democracia comparece a estruturação partidária celular.

O Partido começa e se encerra nas células!

No seio das células se materializa o centralismo democrático, a produção do conhecimento, sob método do materialismo histórico e dialético, com o conhecimento da realidade, o prognóstico, a construção programática, a reprodução celular, a transformação do programa em ação e a volta deste, engrandecido para o aperfeiçoamento permanente do programa e por sua vez do conhecimento.

Lênin também formulou uma ferramenta teórica/prática capaz de funcionar como meio de produção coletivo e base material comunista, capaz de comparecer como formulador e elaborador teórico do ponto de vista do comunismo: um organizador coletivo, agitador e programa entre as massas e a vanguarda. Desta forma, Lênin apontou o que fazer e por onde começar – formulando o papel que cumpre o **Jornal no partido revolucionário**.

Uma rede de contatos, e mesmo de vários níveis de militância, deve ser buscada com a perspectiva da incorporação e do desvendar da divisão do trabalho, intrínseca ao modo de produção capitalista e enraizada entre os operários e oprimidos em geral.

O Jornal deve se transformar em uma ferramenta da elaboração coletiva. Do

estudar, do teorizar a prática comunista como programa e sua elaboração, refletindo uma base material comunista e um produzir a vida capaz de educar a vanguarda que compõem o partido na eliminação dos germes da divisão do trabalho e com isto, rompendo com os princípios engendrados da propriedade privada dos meios de produção. Um partido que seja uma organização comunista dentro do capitalismo (uma superestrutura), capaz de conspirar e de impulsionar a luta de classes e sua materialização do ponto de vista da necessidade da expropriação dos expropriadores.

O internacionalismo proletário para o partido comunista se torna a razão de ser do próprio partido. Não há elaboração coletiva do ponto de vista comunista nos marcos de um só país. A economia é mundial, a luta de classe é mundial, o grande capital domina os rincões mais longínquos e determinam, à imagem e semelhança deste, os rumos do planeta. A vanguarda do proletariado só se constitui nos marcos do internacionalismo proletário, da análise do conjunto da economia, dos fatores gerais que advêm desta economia mundializada e da luta de classes mundial.

Toda esta luta será letra morta sem um plano e disciplinamento financeiro a altura dos objetivos estratégicos perseguidos. A militância e a classe deve ser educada da necessidade do auto financiamento da ferramenta indispensável para a ação entre as massas no sentido da consumação da ditadura do proletariado (as massas em armas, produzindo e repartindo igualmente) como transição ao comunismo mundial.

Vale dizer que os problemas e desvios partidários acabaram por infestar inclusive a IV Internacional e suas centenas de pequenos grupos. Desenvolveremos este ponto em uma resolução posterior.

O X Congresso da Organização pela construção do Partido Operário Marxista (POM) saúda os participante do III Congresso da FLT e aderem desde já a convocação da

Conferencia Internacional dos trotskistas principistas e as organizações operarias  
revolucionárias

São Paulo, 17 de fevereiro de 2008.